



Este Procedimento Operacional deverá ser colocado e classificado em fichário específico o qual deverá ficar permanentemente na SsCO

## 1. FINALIDADE

O presente POP visa regular os procedimentos de atuação do primeiro respondedor a uma ocorrência de BUSCA E RESGATE EM MATAS E MONTANHAS, orientando o emprego dos recursos do CBMERJ<sup>1</sup>.

## 2. CONFIRMAÇÃO DO TIPO DE BUSCA E DA POSSIBILIDADE DE SER UMA BUSCA COMBINADA

Após colhidas todas as informações sobre o(s) perdido(s) e sobre as características da região de busca e resgate (mata), o Comandante de Socorro deverá ter a “sensibilidade” (ou o bom senso) de antecipar-se à possibilidade de que a presente Busca Terrestre tem, em potencial, grandes chances de evoluir para uma Busca Combinada e que, em algum momento, poderá haver a necessidade de apoio de militares qualificados nas seguintes especializações: Salvamento em Montanha, Combate a Incêndio Florestal e Busca e Resgate com Cães (GSFMA), Operações Subaquáticas (GBS) e Operações Aéreas (GOA). Estas são as únicas especializações da Corporação que desempenham o adestramento e a destreza nos segmentos de busca e resgate, cada uma com sua especificidade: GSFMA para Busca Terrestre, GBS para Busca Aquática e GOA para Busca Aérea. Segue uma orientação do que efetivamente consiste cada tipo de busca:

- **Busca Terrestre:** é a operação com tropa motorizada ou com tropa realizando marcha a pé, diurna ou noturna, com ou sem o emprego de animais (os principais animais utilizados nessa área são os cavalos, os muares e os cães). Os cavalos e os muares são os mais resistentes e podem auxiliar no transporte de equipamentos e alimentação para as guarnições. Os muares destacam-se pela capacidade de locomoção em terrenos muito irregulares, íngremes e até pedregosos. Já os cães, quando bem treinados, dão maior precisão na localização do(s) perdido(s) devido ao faro, além de poderem imprimir muita velocidade nas buscas terrestres. Contudo, para o bom resultado com os animais, é importante ressaltar os cuidados com as suas limitações;

<sup>1</sup> Não podemos empregar as atividades de Busca e Resgate em Matas e Montanhas se, primeiramente, não soubermos como proceder numa marcha. As marchas são deslocamentos realizados a pé pelas tropas militares. Nada mais são do que caminhadas comandadas e orientadas tática e estrategicamente com o objetivo único de dar cumprimento a uma determinada missão. Possuem uma série de critérios que dependem dos terrenos, dos períodos, das intempéries, dos fardos e equipamentos e até das resistências físicas e psicológicas do homem. Todos esses fatores reunidos transformam uma caminhada num grande objetivo militar, ou seja, numa marcha. Aí está a questão: o emprego adequado de uma marcha direcionará o sucesso de uma busca. Por outro aspecto, é importante ressaltar que a cobertura vegetal que compõe o Estado do Rio de Janeiro é uma parte integrante de todo o ecossistema Mata Atlântica, que é o segundo maior ecossistema do Brasil, perdendo apenas para o ecossistema Amazônico, mas que possui o bioma terrestre com a maior biodiversidade do planeta. Isso quer dizer que, muito provavelmente, em determinadas buscas, além de sua característica de floresta ombrófila densa propriamente dita (cobertura vegetal que carece de água), os seus ecossistemas costeiros associados (terrenos arenosos dos cordões litorâneos onde se desenvolvem as restingas rastejantes e arbóreas, os manguezais de rios irrigados pelas nascentes das serras recobertas por densa vegetação, os campos salinos de origem fluvio-marinha, os ecossistemas bênticos no terreno plano arenoso ou lamacento da Plataforma Continental, as colônias de algas das praias e rochedos da zona das marés e as ilhas e recifes) podem estar diretamente interligados e combinados. Em virtude dessa característica vegetal, uma busca inicialmente identificada basicamente como Busca e Resgate em Matas e Montanhas poderá reunir tropas com especialidades terrestres, aquáticas, aéreas e às vezes conjugadas entre si. Essencialmente existem quatro tipos de buscas: a Busca Terrestre, a Busca Aquática, a Busca Aérea e a Busca Combinada. Dessa forma, é de suma importância que a Unidade que inicialmente for designada para a ocorrência de busca, tenha a boa percepção para que, tão logo avalie como necessário, que solicite os apoios específicos dos Bombeiros Militares aclimatados, ambientados e com especialização na área de busca em Matas e Montanhas, isto é, os militares do Grupamento de Socorro Florestal e Meio Ambiente, os quais são destinados a efetuar Salvamento em Montanha, Combate a Incêndio Florestal e Busca e Resgate com Cães, especializações estas que são inteiramente balizadas no emprego efetivo de marchas, orientação topográfica, sobrevivência em ambientes silvestres e transporte de acidentados em terrenos de matas e montanhas.

Elaborado por:

Emissão:

/ /

Revisão:

/ /

Aprovação:

Ch EMG



- **Busca Aquática:** é a operação realizada com botes ou outras embarcações e com guarnições especializadas em ambientes subaquáticos. Os cães também podem ser empregados nessa categoria de busca, não a tão grandes profundidades;
- **Busca Aérea:** é a operação realizada com aeronaves. Neste caso, o helicóptero se enquadra como equipamento ideal. Vale ressaltar que determinadas buscas e resgates em matas e montanhas até podem ser desempenhadas com este único tipo de busca;
- **Busca Combinada:** é a operação que envolve o emprego de pelo menos dois tipos de buscas dentre as anteriores, compatibilizando-as entre si.

## 2.1. Como obter o apoio das Unidades Especializadas em Busca e Resgate em Matas e Montanhas:

A primeira guarnição respondedora, ou seja, o quartel da área que recebeu o aviso imediatamente deverá iniciar os procedimentos das fases para a operação de busca e tentar adentrar no terreno a ser buscado. Se essa primeira Unidade for um destacamento ou um posto avançado de Bombeiro Militar e os seus recursos forem insuficientes e necessitem de auxílio, deverá imediatamente comunicar à OBM Sede, a fim de receber orientações; entretanto, remanejamentos de viaturas ou guarnições só poderão ser efetivados mediante o crivo do COCBMERJ. Se esse Centro autorizar o apoio da OBM Sede junto ao PABM ou DBM, e se ainda assim não estiverem obtendo êxito na operação (em qualquer uma das fases de uma Busca e Resgate em Matas e Montanhas), é que por fim solicitarão ao COCBMERJ o apoio do GSFMA, o qual avançará para o local e passará a orientar as atividades de busca conforme os seus protocolos específicos de atuação. Caso o GSFMA entenda como procedente evoluir a Busca Terrestre para uma Busca Combinada, poderá, junto ao COCBMERJ novamente, solicitar o apoio das demais Unidades Especializadas em Operações Subaquáticas (GBS) e ou em Operações Aéreas (GOA). Em suma, tão logo o Comandante de Socorro da primeira Unidade respondedora julgue deficiência, inabilidade ou inaptidão física, técnica ou psicológica por parte dos integrantes de sua guarnição, deverá este efetuar contato com o COCBMERJ para solicitar orientações ou o apoio propriamente dito e efetivo do GSFMA. E se ainda esta primeira unidade respondedora ao evento se julgar competente para efetivamente proceder em qualquer uma das fases da busca sem o auxílio do GSFMA, e, por si só, desejar apoio das demais OBMs especializadas e supracitadas aqui, também poderão fazê-lo, desde que sob a administração do COCBMERJ.

## 3. FASES DE UMA BUSCA E RESGATE EM MATAS E MONTANHAS

Fases (leia-se: BRÊ)		Subfases	
<b>B</b>	Fase de <b>BUSCA</b>	1º	Informações
		2º	Planejar
		3º	Infiltrar
		4º	Localizar
<b>R</b>	Fase de <b>RESGATE</b>	1º	Acessar
		2º	Estabilizar
<b>E</b>	Fase de <b>EVACUAÇÃO</b>	1º	Transportar
		2º	Exfiltrar

Este Procedimento Operacional deverá ser colocado e classificado em fichário específico o qual deverá ficar permanentemente na SSCO



### 3.1. Fase de busca

Esta fase destina-se a todas as medidas tomadas pela Corporação desde o momento em que ocorre a solicitação da ocorrência de Busca e Resgate em Matas e Montanhas até o momento em que se localiza o perdido. A fase pode começar na Subseção de Controle Operacional (SsCO) de qualquer OBM ou por avisos pessoais de terceiros. A partir daí, dá-se início à subfase identificada como Informações, que se refere ao momento de coleta de dados, informes e depoimentos, pois nada pode ser desprezado. Em prosseguimento, inicia-se a subfase de Planejamento, que é a preparação efetiva da guarnição com orientações técnicas, táticas e estratégicas em concordância com os recursos disponíveis da OBM. Posteriormente efetua-se subfase de infiltração, onde os militares do Corpo de Bombeiros irão adentrar e se deslocar no terreno. É o momento de marcha propriamente dita. Por fim, chega-se à subfase de localização, em que aumentam-se os indicativos e indícios até que a guarnição de busca consegue ter algum contato com a vítima buscada, podendo ser este contato visual ou auditivo.

- **INFORMAÇÕES/SUBFASE DE INFORMAÇÕES**

- **Identificar o local da Busca (que tipo de Região é):**

É de extrema importância identificar com certeza a região a ser buscada. Devido à grande biodiversidade do ecossistema Mata Atlântica, com todas as suas variáveis de clima, temperatura, pressão, topografia, coberturas vegetais distintas, precipitações e acidentes geológicos diversos, fica obviamente claro que efetuar buscas em setores de restingas e costeiros requer um planejamento diferenciado das regiões de serras e campos de altitude, além da preocupação com a necessidade de identificar se a área buscada é ou não uma Unidade de Conservação da Natureza, que desenvolve culturas de manejos que precisam ser respeitadas e primam pela preocupação com as espécies de fauna e flora existentes nessas áreas com cobertura vegetal protegida por lei. Os militares especializados do GSFMA sabem como atuar nesses ambientes, tomando medidas que evitam degradação e impactos maiores na região. Logo, é o GSFMA, uma Organização Militar criada no CBMERJ por dispositivo constitucional (**Constituição do Estado do Rio de Janeiro – Art. 261 § 1º inciso XXVI, fundamentado no artigo 225 da Constituição Federal, que deu tratamento especial ao MEIO AMBIENTE, impondo ao poder público e à coletividade o dever de defender e preservar o direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado**). Veja alguns exemplos de regiões que devem ser previamente avaliadas antes de a guarnição partir para a busca:

- Restingas, charcos e terrenos alagadiços (Mata Atlântica de 0 a 50 metros de altitude);
- Cavernas, florestas adjacentes às zonas urbanas com frequência de visitação (normalmente Mata Atlântica, de 50 a 500 metros de altitude, muito procurada pela população urbana);
- Serras de montanhas (Mata Atlântica de 500 a 1.500 metros de altitude);

Este Procedimento Operacional deverá ser colocado e classificado em fichário específico o qual deverá ficar permanentemente na SsCO



- Campos de altitude (Mata Atlântica acima de 1.500 metros de altitude);
  - Selvas ou matas fechadas com pouquíssima frequência de visitação (ou quase nula);
  - Parques, reservas florestais e unidades de conservação (áreas protegidas em geral).
- **Avaliar os motivos mais comuns que levam a uma Busca e Resgate em Matas e Montanhas:**
- A crescente busca pelo ecoturismo (o que se intensifica nos períodos de férias);
  - Prática de esportes radicais ou de aventuras;
  - Desejo aleatório por aventuras;
  - Quedas em escaladas;
  - Quedas em cachoeiras;
  - Quedas de asa-delta, parapente (ou similares);
  - Quedas de aeronaves (múltiplas vítimas);
  - Turismo e excursões;
  - Acampamentos;
  - Crianças, idosos ou pessoas especiais que fugiram e se perderam;
  - Medo do entardecer no interior da mata;
  - Tempestades e nevoeiros;
  - Busca de balões e pipas;
  - Seguir por cursos d'água, ou seguir por picadas de caçadores;
  - Caça e pesca;
  - Pesca em cantos de pedras;
  - Sequestro;
  - Desejo por suicídio.
- **Executar o questionário para a realização de uma Busca e Resgate em Matas e Montanhas:**
- Qual o local?
  - Entraram por onde?
  - Qual trilha?
  - Deixaram veículo estacionado em algum local (modelo, cor, placa...)?
  - Qual o dia em que entraram na trilha?
  - Qual o horário em que entraram na trilha?
  - Qual o número de pessoas?
  - Quais são os nomes? E os apelidos (confirmar o sexo)?
  - Quais são os tipos sanguíneos?

Este Procedimento Operacional deverá ser colocado e classificado em fichário específico o qual deverá ficar permanentemente na SSCO



Este Procedimento Operacional deverá ser colocado e classificado em fichário específico o qual deverá ficar permanentemente na SsCO

- Quais as idades (ou faixa etária média do grupo)?
- Qual o objetivo (regressar, pernoitar, aventuras, pesquisar, fatores emocionais)?
- Características do grupo (estudantes de quê? Atletas? Pertenciam a uma academia)?
- Endereços onde residem;
- Cidades e estados onde residem;
- Levaram telefones (celular)?
- Quais os números dos telefones (em correspondência com os nomes)?
- Possuíam experiência (alguns ou algum deles)?
- Tinham algum líder, guia ou similar?
- Alguém tomava remédio (especificar os nomes dos que tomavam medicação)?
- Qual o tipo de medicação?
- Alguém era dependente químico?
- Qual a altura aproximada do perdido (estatura)?
- Qual a cutis?
- Qual a cor do cabelo?
- Possuía sinais de nascença, cicatriz ou tatuagem?
- Qual a vestimenta de que fazia uso (peça de roupa com a respectiva cor)?
- Levaram barracas (modelo e cor)?
- Alguém tinha máquina fotográfica?
- Identificar os nomes, telefones e e-mail dos familiares ou amigos para contatos.
- PLANEJAR / SUBFASE DE PLANEJAMENTO
- **O Comandante de Socorro deverá orientar e preparar as guarnições para avaliar os prováveis perfis e comportamentos do perdido, conforme o que sugere a tabela abaixo:**

PERFIL/ CARACTERÍSTICA	COMPORTAMENTO DO(S) PERDIDO(S)
CRIANÇAS ATÉ 3 ANOS	<ul style="list-style-type: none"><li>➤ Geralmente não entendem que estão perdidas</li><li>➤ Andam despreocupadamente</li><li>➤ Procuram os locais mais convenientes para descansar ou dormir (embaixo de uma pedra ou vegetação fechada)</li></ul>
CRIANÇAS DE 3 A 6 ANOS	<ul style="list-style-type: none"><li>➤ Geralmente são mais ativas</li><li>➤ Normalmente tentam voltar para casa</li><li>➤ Distraem-se facilmente</li><li>➤ Podem fugir de estranhos</li><li>➤ Dormirão quando cansadas</li></ul>
CRIANÇAS DE 6 A 12 ANOS	<ul style="list-style-type: none"><li>➤ Podem fugir propositalmente</li><li>➤ Geralmente são acostumadas com o terreno</li><li>➤ Muitas vezes não respondem aos chamados</li></ul>

Elaborado por:

Emissão:

/ /

Revisão:

/ /

Aprovação:

Ch EMG



PERFIL/ CARACTERÍSTICA	COMPORTAMENTO DO(S) PERDIDO(S)
	<ul style="list-style-type: none"><li>➤ Ao escurecer se sentem perdidas ou desamparadas (mais do que um adulto)</li></ul>
IDOSOS COM MAIS DE 65 ANOS	<ul style="list-style-type: none"><li>➤ Distraem-se facilmente e parecem muito com crianças</li><li>➤ A orientação é mais baseada no passado que no presente</li><li>➤ São propícios a exagerar e a se cansar</li><li>➤ Podem ter dificuldades de audição</li></ul>
PESSOA PORTADORA DE TRANSTORNOS MENTAIS	<ul style="list-style-type: none"><li>➤ Geralmente age como crianças de 6 a 12 anos</li><li>➤ Por causa de algum medo, tem a tendência de procurar por abrigos</li><li>➤ Normalmente não responde</li><li>➤ Muitos permanecem no mesmo local por dias</li></ul>
DEPRIMIDOS EMOCIONALMENTE	<ul style="list-style-type: none"><li>➤ Buscam solidão</li><li>➤ Muitas vezes não respondem aos chamados</li><li>➤ Geralmente estão dentro do campo de som e visão de civilização</li><li>➤ Normalmente são encontrados próximos a locais proeminentes (mirantes).</li></ul>
CAMINHANTES INEXPERIENTES	<ul style="list-style-type: none"><li>➤ Confiam em trilhas, drenagens, guias de viagem para navegação</li><li>➤ Perdem-se quando as trilhas estão escondidas</li><li>➤ Tendem a ser jovens e despreparados</li><li>➤ Confundem distâncias e tempo</li><li>➤ Geralmente se comunicam bastante</li><li>➤ 55% descem em elevações</li><li>➤ 90% se movimentam menos de 24 horas</li><li>➤ 33% viajam à noite</li><li>➤ 40% estão bem equipados</li><li>➤ A maioria tem pouca experiência</li><li>➤ A maioria é encontrada dentro de 8 km</li></ul>
CAÇADORES	<ul style="list-style-type: none"><li>➤ Concentram-se mais na caça do que na navegação</li><li>➤ Geralmente se empolgam em perseguições</li><li>➤ Tendem a se expor à escuridão</li><li>➤ Tipicamente são despreparados para climas severos</li><li>➤ A maioria está em boas condições mentais e físicas</li><li>➤ A maioria está bem equipada</li><li>➤ Áreas com civilizações e atrações não são atrativas para eles</li><li>➤ A maioria se comunica e está em movimento</li><li>➤ Boas chances de que se movimentem à noite</li><li>➤ Grande parte restringe-se a caçadores sozinhos</li></ul>

Este Procedimento Operacional deverá ser colocado e classificado em fichário específico o qual deverá ficar permanentemente na SSCO

Elaborado por:

Emissão:

/ /

Revisão:

/ /

Aprovação:

Ch EMG



PERFIL/ CARACTERÍSTICA	COMPORTAMENTO DO(S) PERDIDO(S)
FOTÓGRAFOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Geralmente permanecem no local</li> <li>➤ Não levam equipamentos adequados de sobrevivência ou roupas extras</li> <li>➤ Comumente se confundem pelo terreno</li> <li>➤ Consideram-se conhecedores da região e adaptados a ela</li> <li>➤ A maioria tem boas condições mentais e físicas</li> <li>➤ Comunicam-se bastante</li> <li>➤ Tendem a vagar sem rumo</li> </ul>
PESCADORES	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Geralmente são bem orientados</li> <li>➤ Normalmente a causa é um acidente relacionado à água</li> <li>➤ Normalmente apresentam bom equilíbrio emocional</li> </ul>
ESCALADORES E MONTANHISTAS	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Estão geralmente bem equipados</li> <li>➤ Comportam-se como autossuficientes</li> <li>➤ Normalmente apresentam bom equilíbrio emocional</li> </ul>

- **O Comandante de Socorro deverá orientar e preparar as guarnições para avaliar os valores estimados de velocidade média de deslocamento a pé em terreno montanhoso, conforme sugere a tabela abaixo, em km:**

Terreno plano				
PERFIL DO PERDIDO	Sem mochila		Com mochila	
	Por hora	Por dia	Por hora	Por dia
Iniciante	2,4 a 3,2	12 a 20	1,6 a 2,4	11 a 15
Intermediário	3,2 a 4	20 a 24	2,4 a 3,2	16 a 19
Experiente	4,8 a 6,4	25 a 38	4,8	20 a 29
Terreno com active (subidas)				
PERFIL DO PERDIDO	Sem mochila		Com mochila	
	Por hora	Por dia	Por hora	Por dia
Iniciante	1,2	8 a 9	0,8	4,8
Intermediário	1,6	10 a 13	1,2	5 a 10
Experiente	2 a 3,5	13 a 20	1,6 a 2,4	10 a 16
Terreno com declive (descidas)				
PERFIL DO PERDIDO	Sem mochila		Com mochila	
	Por hora	Por dia	Por hora	Por dia
Iniciante	3,2	11 a 14	2,4	8
Intermediário	3,2 a 4,8	15 A 16	3,2	11
Experiente	4 a 5,6	16 a 22	3,2 a 4	16

- **O Comandante de Socorro deverá orientar a guarnição sobre o emprego da Marcha de Salvamento:**
- O Comandante de Socorro deverá orientar a guarnição informando e esclarecendo que a marcha a ser empregada é a Marcha de Salvamento, isto



é, a marcha específica para operações de Busca Terrestre. É a mais desgastante de todas as marchas, devido à grande velocidade que as guarnições de salvamento imprimem. Normalmente são executadas em horários vespertinos ou noturnos<sup>2</sup>, em horários de chuva e neblina e seus retornos com o transporte das vítimas acidentadas.

– **O Comandante de Socorro deverá orientar e preparar a guarnição para que atente aos fatores que influenciam as operações de Busca e Resgate em Matas e Montanhas, tais como:**

- O tipo de vegetação;
- O tipo de relevo, como relevo de planície, relevo de restinga ou relevo de serra;
- A topografia do terreno;
- O tipo de terreno (campos de altitude, arenoso, pedregoso, turfa ou charco);
- A altitude, que influenciará no aumento ou na diminuição de pressão ou até nas possibilidades de que se aproximem a áreas mais rarefeitas;
- As condições meteorológicas resultantes em frio, vento, serração ou neblina, chuva, tempestades ou calor;
- A natureza fisiológica do militar mediante hipotermia, hipertermia ou insolação, desidratação, fadiga, feridas, assaduras e alergias, doenças, condicionamento físico, Mal da Montanha, alimentação ou peso dos equipamentos;
- Atenção contínua para que não haja flutuação no deslocamento no interior da mata (entende-se flutuação como o espaço que sempre tende a aumentar entre os integrantes que executam uma marcha, chegando até a perder o contato visual ou sonoro, acarretando com isso a divisão do grupo e a possibilidade de parte da tropa se desorientar);
- Atenção contínua para a segurança e a distância ideal entre os integrantes da guarnição no percurso da marcha. Em marchas diurnas, a distância entre os homens (equipados ou sem equipamentos) deverá ser de três metros. Em marchas noturnas ou sob neblina, a distância entre os homens (equipados ou sem equipamentos) deverá ser reduzida para dois metros (com velocidades menores que as diurnas).
- **O Comandante de Socorro deverá avaliar a possibilidade de solicitar apoio ao GSFMA, via COCBMERJ, solicitando seu auxílio com militares montanhistas, combatentes florestais e especializados em buscas com cães, mediante as circunstâncias elencadas abaixo ou circunstâncias assemelhadas a essas:**
- Condições dificultosas do terreno (com aclives e declives acentuados, obstáculos e precipitações rochosos, trechos alagadiços, restingas com

<sup>2</sup> É comum os avisos de busca ocorrerem ao entardecer e ao anoitecer. Isso se dá em virtude de que muitas pessoas que saíram de suas casas pela manhã com o objetivo de buscar aventuras em ambientes naturais acabam demorando muito para retornar aos seus lares. Com isso seus entes e familiares começam a se preocupar com a demora e por fim decidem ligar para o Corpo de Bombeiros. Muitas vezes, com o intuito de aproveitar um pouco mais do dia, os próprios aventureiros deixam para sair da mata à tarde, mas, sem contar que no interior da floresta escurece mais cedo do que nas zonas urbanas, começam a entrar em pânico e com isso aumentam demasiadamente as chances de se perder.

Este Procedimento Operacional deverá ser colocado e classificado em fichário específico o qual deverá ficar permanentemente na SSCO





Este Procedimento Operacional deverá ser colocado e classificado em fichário específico o qual deverá ficar permanentemente na SsCO

ausência de água doce) que impeçam a progressão da guarnição da OBM local no terreno ou que a exponha a risco no qual não seja capacitada para atuar;

- Quando o posicionamento do(s) perdido(s) for constatado em situações de risco elevado, como em cumes, picos, cavernas, fendas ou fissuras de rochedos, ravinas acentuadas, regiões de frio ou calor intensos e outras condições assemelhadas a estas;
- Vegetação densa que impeça ou retarde consideravelmente o acesso e o deslocamento a pé da guarnição da OBM da área;
- Recursos humanos inabilitados ou despreparados física, técnica e/ou psicologicamente para desempenhar procedimento de marcha equipados;
- Quando o número de perdidos apontar, sugerir ou indicar para um quantitativo elevado;
- Quando a região a ser buscada estiver acometida de desequilíbrio ecológico que resulte em acrescida proliferação de animais peçonhentos;
- Quando houver acidente aeronáutico.
- **O Comandante de Socorro deverá avaliar a possibilidade de solicitar apoio ao GBS, via COCBMERJ, solicitando seu auxílio com militares mergulhadores, desde que mediante as circunstâncias elencadas abaixo ou assemelhadas a essa:**
  - Quando, no transcorrer das fases ou subfases da operação de Busca e Resgate em Matas e Montanhas, for suspeito, sugerido ou indicado que haja vítima a ser buscada em determinado meio aquático no interior da mata, de modo que seja necessária a execução dos procedimentos com mergulhadores;
- **O Comandante de Socorro deverá avaliar a possibilidade de solicitar apoio ao GOA, via COCBMERJ, solicitando seu auxílio com relação a operações aéreas, desde que, mediante as circunstâncias elencadas abaixo ou assemelhadas a essas:**
  - Quando o número de perdidos apontar, sugerir ou indicar um quantitativo elevado;
  - Quando houver acidente aeronáutico;
  - Quando a longa distância da localização da vítima e o tempo levado para se chegar a ela por via terrestre influenciar na integridade física e/ou no estado de saúde da mesma.
- **O Comandante de Socorro deverá orientar a guarnição quanto aos equipamentos básicos a serem utilizados (obviamente após os levantamentos da Subfase de Informações):**

Quantidade	Equipamentos coletivos
02	Rádio portátil com carregador
02	Carregador para rádio portátil
02	Aparelho telefônico funcional (padrão do CBMERJ)

Elaborado por:

Emissão: / /

Revisão: / /

Aprovação:

Ch EMG



02	Carregador para aparelho telefônico funcional (padrão do CBMERJ)
01	Corda dinâmica (50 m de comprimento e 10,5 milímetros de diâmetro)
01	Corda estática (50 m de comprimento e 10,5 milímetros de diâmetro)
02	Mosquetão de aço (com rosca)
01	Carta topográfica da região
01	Escalímetro
01	Par de esquadros
02	Bússola (limbo móvel)
01	Binóculo
02	Facão
A definir	Barraca
A definir	Prancha rígida/flexível/similar
A definir	Colar cervical (adulto/infantil)
A definir	Kit de primeiros socorros
A definir	Saco para cadáver
A definir	Kit contendo ração fria, água, medicação específica com prescrição médica comprovada e agasalho para a(s) vítima(s)
A definir	Kit contendo alimentação e hidratação para cães (quando empregados)
A definir	Viatura compatível para a missão
A definir	Fardo aberto (fardo tipo 1)/suspensório e cinto
A definir	Kit contendo ração fria
01	Fardo fechado ou fardo de combate (fardo tipo 2)/mochila de 50 litros
02	Sacos de gelo de 20 litros (para impermeabilização de equipamentos)
01	Saco de dormir
01	Isolante térmico
01	Anorak (cáqui, vermelho, laranja ou preto)
01	Blusa segunda pele (cáqui, vermelha, laranja ou preta)
01	Poncho (cáqui, vermelho, laranja ou preto)
01	Apito
02	Cantil com caneco de alumínio
01	Lanternas <i>head lamp</i> (incluam-se pilhas sobressalentes)
01	Kit (lápis, borracha, caneta, bloco de anotações)
02	Corda dinâmica (1,5 m de comprimento e 6,0 milímetros de diâmetro)
01	Capacete (modelo de montanhismo)
02	Mosquetão de duralumínio (com rosca)
01	Aparelho oito (freio)
01	Par de luvas de raspa de couro
01	60 cm de proteção de mangueira 1 ½"
01	60 cm de proteção de mangueira 2 ½"
01	Kit (2 isqueiros, 3 velas, palhas e gravetos secos)

Este Procedimento Operacional deverá ser colocado e classificado em fichário específico o qual deverá ficar permanentemente na SSCO

Elaborado por:

Emissão:

/ /

Revisão:

/ /

Aprovação:

Ch EMG



01	Faca (ou canivete)
01	Kit preto ou cáqui (touca ninja, luvas de lã, blusa segunda pele e poncho)
01	Kit de manutenção de fardamento
01	Kit de higiene pessoal (com pomada antiassadura e bloqueador solar)

- **O Comandante de Socorro, obviamente avaliando os seus recursos disponíveis, deverá definir a sua equipe, tentando ao máximo aproximá-la do padrão de composição da guarnição de Busca Terrestre:**

Padrão de composição da guarnição de busca terrestre (10 componentes)		
Quantidade	Função	Qualificação
01	Chefe da Guarnição	Oficial (QOC ou QOA)
		Subten QBMP 00/QBMP 01 ou Sgt QBMP 00/QBMP 01
01	Orientador/ Navegador	BM com especialização em CSMont, CPCIF ou CBRESC
02	Escaladores	BM com especialização em Salvamento em Montanha
01	Condutor de cães	BM com especialização em Busca e Resgate com Cães
01	Cão farejador	Cão treinado e especializado nas técnicas de CBRESC
02	Sapadores	BM QBMP 00 / QBMP 01
02	Padioleiros	01   BM QBMP 00 / QBMP 01
		01   BM QBMP 06 / QBMP 11

- **INFILTRAR / SUBFASE DE INFILTRAÇÃO**

- **Descobrimto de indícios:**

A vítima é um gerador de sinais que continuamente deixa indícios aos grupos de busca, que devem captá-los. Os indícios podem ser de diversas classes; uma equipe de busca pode se concentrar em um só indício ou associá-lo a outros.

Classe de indícios	Indícios
Evidência física	Odores da vítima (facilmente identificados pelos cães)
	Pegadas e barrancos escavados
	Pedras da trilha sujas (pisoteadas com barro ou lama)
	Árvores marcadas ou manchadas
	Galhos quebrados ou pedras soltas
	Papel de bala, garrafa e restos de alimento na trilha
	Vegetal encontrado em local não propício a ele
	Pedaços de roupas rasgadas
	Teias de aranhas rompidas
	Fumaça e restos de fogueira
	Fezes e odores de urina



Informação registrada	Registros de viagem
	Registros de um refúgio
	Cadastros de visitante
Pessoas	Testemunhos
	Amigos
	Parentes
Óbvios	Gritos de socorro
	Visualização da vítima

• **LOCALIZAR / SUBFASE DE LOCALIZAÇÃO**

Esta é a fase em que, nos pontos identificados como mais prováveis para encontro, efetivamente intensificam-se as tentativas de estabelecer comunicação com os perdidos e começam-se então as buscas por respostas da(s) vítima(s). Nesses pontos, inicia-se a aplicação da comunicação entre socorristas e perdidos. Por exemplo: em regiões com vegetação mais espaçada, como os setores costeiros da Mata Atlântica, restingas, áreas de “ilhas” de manguezais e campos de altitudes, a localização visual e com auxílio de binóculo facilita e amplia as chances de encontro. É de suma importância esclarecer, ainda neste tópico, o grande potencial dos cães farejadores nesta Subfase de Localização, ao passo que o primeiro contato com a vítima pode ser feito por meio deles, ficando mais agitados e por fim começarão a latir até que seu condutor chegue a ele e, conseqüentemente, à vítima. Vale ressaltar que, tão logo seja estabelecido o primeiro contato entre cão e vítima, a guarnição, ao ouvir os latidos, deverá apressar-se o máximo que puder para chegar ao ponto de encontro da vítima, uma vez que esta, tomada por fragilidades emocionais, tais como medo, estresse e pânico, pode até mesmo efetuar uma agressão contra o animal. Vide ainda observação a ser considerada nas Disposições Finais do presente POP.

– **Requisitos para uma boa comunicação entre socorristas e perdido(s):**

- 1º - Estabelecer o meio ou o veículo de comunicação;
- 2º - Estabelecer a linguagem para a comunicação;
- 3º - Saber perguntar (o socorrista deve saber a maneira e o que perguntar ao perdido);
- 4º - Saber responder (o socorrista deve saber o que responder caso o perdido pergunte).

– **Exemplos da relação entre meio de comunicação e linguagem:**

Meio de comunicação	Linguagem
Corpo	Sinais / Gestos
Voz	Idioma / Gritos / Alfabeto fonético
Fogueira	Fumaça Branca / Fumaça escura / Fogo
Apito	Duração ou número de silvos

Este Procedimento Operacional deverá ser colocado e classificado em fichário específico o qual deverá ficar permanentemente na SSCO



Megafone	Idioma / Alfabeto fonético
Rádio	Idioma local / Códigos / Alfabeto fonético
Telefone	Idioma local / Códigos / Nº de toques
Lanterna	Cor da luz / Nº de flashes
Sinais Luminosos	Pistolas de sinais luminosos / Fumígenos
Sinalização terra / Ar	Terra / Barro / Pedras / Troncos / Velas

**Obs.:** O alcance das pistolas de sinais luminosos é de até 5 km de dia e de até 15 km à noite.

### 3.2. Fase de resgate

- **ACESSAR / SUBFASE DE ACESSO À VÍTIMA**

Esta subfase compreende todas as ações desenvolvidas a partir do exato momento em que fora localizada a vítima. Uma vez localizada, todo movimento que a guarnição de busca executar na direção e sentido do perdido passará a ser classificado na subfase de acessar a vítima. É importante ressaltar que, em muitos casos, a vítima estará acometida de considerável nível de ansiedade e estresse, ao passo que, ao avistar a aproximação da guarnição de busca, poderá colocar tudo a perder, apressando-se e lançando-se a qualquer custo buscando o tão esperado auxílio do socorrista. Esta etapa se encerrará quando, por fim, chegarmos até a vítima. Uma abordagem bem-sucedida facilitará os próximos passos.

- **Retirando a vítima de situação crítica, extrema e de risco:**


Esta é a fase onde efetivamente realiza-se a extricação da vítima (perdido) e o resgate propriamente dito, ou seja, é o momento em que a guarnição retira a vítima da situação de risco. É importante ressaltar que, após buscar o(s) perdido(s) e assim encontrá-los, deve-se acessar, estabilizar e realizar o resgate do(s) mesmo(s). Para tanto, entenda-se resgate como sendo todos os procedimentos técnicos e específicos procedidos por especialistas com responsabilidade para esse exercício e que têm o objetivo de retirar a vítima da situação crítica, extrema ou de risco até colocá-la em posição segura. Resgatar é uma missão dos Bombeiros Militares do Corpo de Combatentes e visa dar fim a essa posição crítica, extrema ou de risco e, a partir daí, colocá-la numa posição ou condição em que possa receber socorro. O resgate será realizado para vítimas fatais e não fatais. Resgatar um corpo é missão do CBMERJ, retirá-lo da situação extrema é nossa missão também (“Vida alheia e riquezas salvar”). Um corpo resgatado significa devolver aos seus entes e familiares uma riqueza que a eles pertence. Se resgate é retirar da situação de risco tanto o que já morreu, quanto o que ainda está vivo, salvamento é uma ação que visa retirar da situação de risco somente vítimas que ainda estão vivas. Logo, salvar está contido em resgatar. A partir daí inicia-se o socorro, isto é, momento em que tomamos os procedimentos para manter a vítima viva. Conforme já fora mencionado, normalmente os processos de resgate são realizados por bombeiros combatentes, enquanto os processos de socorro são realizados por bombeiros integrantes do Corpo de Saúde, ou aqueles que possuem conhecimento na área de atendimento pré-hospitalar.

Este Procedimento Operacional deverá ser colocado e classificado em fichário específico o qual deverá ficar permanentemente na SsCO



- **Conservação de provas na área de resgate e arredores (para casos de investigação de acidentes aeronáuticos):**
- Uma característica importante e que jamais poderá ser ignorada é que nas buscas oriundas de acidentes aeronáuticos haverá grande probabilidade de que os trabalhos de localização, acesso e estabilização das vítimas sejam executados em meio a áreas incendiadas, áreas envolvendo materiais radioativos ou áreas com grande derramamento de combustível aeronáutico.
- Nem todo acidente aeronáutico ocasionará um incêndio.
- Os militares envolvidos nas atividades de Busca Terrestre devem ser orientados de forma a preservar os vestígios, as provas e as evidências de um possível acidente aeronáutico.
- É importante lembrar que as buscas relacionadas aos acidentes aeronáuticos normalmente são ocorrências de múltiplas vítimas, o que tornará mais difícil as fases de Resgate e de Evacuação, mesmo que todas as vítimas não tenham sobrevivido. Vítimas fatais também são riquezas que devem ser conduzidas com cuidado e entregues aos familiares.
- Um fator complicador de identificação das vítimas fatais, quando a aeronave cai em selva de difícil acesso, é a possibilidade de que animais podem retirá-los e até podem comer partes dos corpos.
- Sempre que possível, os restos da aeronave não devem ser tocados até a chegada dos peritos investigadores. Junto a isso, a Força Aérea Brasileira sempre deverá ser avisada.
- Quando for absolutamente necessário para a extricação das vítimas, pode-se trasladar os restos da aeronave, entretanto alterando ao mínimo a situação do estado do conjunto.
- A remoção prematura dos cadáveres poderá dificultar as suas identificações.
- Se for necessário retirar as vítimas da aeronave destruída deve-se identificá-las com relação às posições e aos números dos respectivos assentos que ocupavam.
- Se as circunstâncias permitirem, deve-se fotografar as partes da aeronave antes de realizar a retirada das vítimas.
- A **caixa preta** é um termo amplamente utilizado para designar os equipamentos que registram as últimas informações dos instrumentos de bordo e comunicação ocorrida antes de um acidente aeronáutico. São gravadores protegidos por material resistente às chamas e aos impactos e, quando não elucidam diretamente o acidente, contribuem de forma significativa para tal. Normalmente são pintados na cor laranja e possuem as seguintes iniciais: CVR (*Cockpit Voice Recorder*) e FDR (*Flight Data Recorder*).
- É importante entender que, se os trabalhos de resgate das vítimas forem realizados de forma que haja o mínimo possível de alteração do “cenário” sinistrado, de forma que não prejudiquem as ações de perícia e investigação, maiores são as chances de, no futuro, haver estudos e descobertas de condições que reduzam os riscos de acidentes aeronáuticos.

Este Procedimento Operacional deverá ser colocado e classificado em fichário específico o qual deverá ficar permanentemente na SSCO

 <p>SECRETARIA DE ESTADO DE DEFESA CIVIL CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO ESTADO MAIOR GERAL</p>	POP	Seção	
	Página 15/19	Versão 1ª	Modelo ANALÍTICO
Assunto: <b>BUSCA E RESGATE EM MATAS E MONTANHAS</b>	<b>PROCEDIMENTO OPERACIONAL PADRÃO</b>		

- De acordo com o Código Brasileiro de Aeronáutica - Lei nº 7.565, de 19 de dezembro de 1986, em seu capítulo VI, no que trata sobre o Sistema de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos, Art. 88: “Toda pessoa que tiver conhecimento de qualquer acidente de aviação ou da existência de restos ou despojos de aeronave tem o dever de comunicá-lo à autoridade pública mais próxima e pelo meio mais rápido”.
- De acordo com o Código Brasileiro de Aeronáutica - Lei nº 7.565/86, de 19 de dezembro de 1986, em seu capítulo VI, no que trata sobre o Sistema de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos, parágrafo único: “A autoridade pública que tiver conhecimento do fato ou nele intervier comunicá-lo-á imediatamente, sob pena de responsabilidade por negligência, à autoridade aeronáutica mais próxima do acidente”.
- De acordo com o Código Brasileiro de Aeronáutica - Lei nº 7.565/86, de 19 de dezembro de 1986, em seu capítulo VI, no que trata sobre o Sistema de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos, Art. 89: “Exceto para efeito de salvar vidas, nenhuma aeronave acidentada, seus restos ou coisas que por ela eram transportadas podem ser vasculhados ou removidos, a não ser em presença ou com autorização da autoridade aeronáutica”.
- **ESTABILIZAR / SUBFASE DE ESTABILIZAÇÃO DA VÍTIMA**  
Após acessar a vítima e por fim chegar até ela, precisaremos retirá-la de sua situação de fragilidade extrema e de risco. Por isso, é indispensável o emprego criterioso dos protocolos técnicos de resgate. Estabilizar significa firmar, consolidar, equilibrar. É posicionar a vítima de modo a prepará-la para a Fase de Evacuação.

### 3.3. Fase de evacuação

Evacuação consiste no movimento de pessoas de um local perigoso imposto devido à ameaça ou ocorrência de um evento desastroso. É a terceira e última fase no caso de Busca e Resgate em Matas e Montanhas, a qual destina-se basicamente em transportar vítimas e retirar a guarnição do terreno, ou seja, efetuar a exfiltração.

- **TRANSPORTAR / SUBFASE DE TRANSPORTE DE VÍTIMA**

#### – Quanto ao transporte de acidentados:

Aqui a guarnição empenhada na busca tem a responsabilidade de efetuar o transporte do(s) acidentado(s), o que poderá ser feito a pé, na marcha de retorno, por quilômetros, com ou sem o auxílio de animais, pois nem sempre haverá a disponibilidade de empregar o apoio de aeronaves, viaturas ou embarcações para os casos das matas costeiras. É comum em regiões de matas e montanhas, quando classificadas como campos de altitude, as neblinas e serrações extremamente densas em determinados períodos do dia, o que impedirá a aproximação de aeronaves para auxílio no resgate, pois essas intempéries podem impedir a visibilidade para operações aéreas. Conforme mencionado, a única alternativa passará a ser o transporte terrestre do(s) acidentado(s), o que exigirá demasiadamente da guarnição, tanto física quanto psicologicamente.

Elaborado por:	Emissão: / /	Revisão: / /	Aprovação:
			Ch EMG



– **Quanto ao transporte de acidentados para área de triagem para abordagem de acidentes com múltiplas vítimas:**

São áreas destinadas ao atendimento específico de socorro, ou seja, área destinada para as atividades de manter as vítimas vivas; a maioria dos profissionais que aqui atuam é pertencente ao Corpo de Saúde. As áreas de triagem são empregadas em ocorrências com múltiplas vítimas; normalmente são resultados de acidentes aéreos. Para tanto, as equipes especializadas já foram solicitadas tão logo tenham sido identificadas como necessárias. Aqui existe o emprego de barracas, faixas, lonas ou indicadores correspondentes às cores pretas, vermelhas, amarelas ou verdes, tudo no sentido de que ocorra a aplicação na triagem das vítimas em conformidade com a tabela abaixo:

PRIORIDADE	FAIXA / LONA	SITUAÇÃO
0	PRETA	Mortos
1	VERMELHA	Exige cuidados imediatos
2	AMARELA	Pode aguardar por cuidados e por remoção para Unidade Médica
3	VERDE	Requer apenas primeiros socorros e não carece de remoção

• EXFILTRAR / SUBFASE DE EXFILTRAÇÃO

– **Sinalização Terra/Ar:**

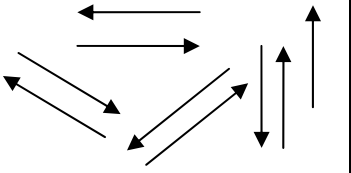
O objetivo deste processo é realizar a comunicação entre as tropas (guarnições) que estão em terra com as aeronaves que poderão apoiar numa determinada busca, ou seja, na ausência de radiotelefonia esses sinais universais se apresentam como a linguagem empregada para que haja compreensão na comunicação firmada entre os que estão necessitando ou indicando alguma coisa e os que poderão ajudar. Eles são mais específicos do que um simples “SOS”. O primeiro passo é procurar uma área plana e aberta ou, se preciso for, em situações muito extremas, abrir uma clareira. Logo após, dê lugar à criatividade. Os sinais poderão ser feitos com troncos de árvores, pedras alinhadas, vegetação com coloração diferente da que estiver no chão, canaletas com lamas, terra, saibro ou areia sobre o barro. Caso haja necessidade de realizar esse procedimento à noite, brasas, fogueiras, velas e lanternas podem substituir os anteriores. A própria tropa (guarnição), desde que perfeitamente alinhada e segurando velas ou lanternas, poderá substituir os meios de fortuna mencionados anteriormente. Afirmamos que os processos de sinalização terra/ar são divididos em sinalização diurna e sinalização noturna, para os seguintes sinais conforme o quadro a seguir:

SINAL	SIGNIFICADO
Y	Sim

Este Procedimento Operacional deverá ser colocado e classificado em fichário específico o qual deverá ficar permanentemente na SSCO





N	Não
W	Precisamos de apoio: alimentação; ferramentas; equipamentos; fardamento; barracas; viaturas; mecânicos; outros.
+	Precisamos de apoio médico e/ou medicamentos.
	Seguimos nesta direção.

**Fraseologia padrão que deve ser empregada:** Em todas as comunicações deve-se adotar a constante disciplina e a fraseologia padrão, evitando cortesias, brincadeiras, felicitações e conversas longas. O que se deseja transmitir deve ser objetivo e claro, de maneira que, tratando-se de uma mensagem mais prolongada, recomenda-se que seja escrita antes de iniciar-se a referida transmissão.

**Emprego do alfabeto fonético:** Quando for necessário soletrar em radiotelefonia nomes próprios, abreviaturas de serviço e palavras de pronúncia duvidosa, deve-se fazer uso do alfabeto fonético a seguir:

**Alfabeto fonético para números:**

ALGARISMO	PRONÚNCIA
0	<u>Z</u> ero
1	<u>U</u> no
2	<u>D</u> ois
3	<u>T</u> rês
4	<u>Q</u> uatro
5	<u>C</u> inco
6	<u>M</u> eia
7	<u>S</u> ete
8	<u>O</u> ito
9	<u>N</u> ove
10	<u>U</u> no- <u>Z</u> ero
100	<u>U</u> no- <u>Z</u> ero- <u>Z</u> ero
160	<u>U</u> no- <u>M</u> eia- <u>Z</u> ero
600	<u>M</u> eia- <u>Z</u> ero- <u>Z</u> ero
7000	<u>S</u> ete- <u>M</u> il
32000	<u>T</u> rês- <u>D</u> ois- <u>M</u> il
11,5	<u>U</u> no- <u>U</u> no- <u>D</u> ecimal- <u>C</u> inco
136,4	<u>U</u> no- <u>T</u> rês- <u>M</u> eia- <u>D</u> ecimal- <u>Q</u> uatro
06h19min	<u>Z</u> ero- <u>M</u> eia- <u>U</u> no- <u>N</u> ove- <u>H</u> oras

**Obs.:** As partes sublinhadas dos vocábulos significam as partes tônicas das pronúncias.

**Alfabeto fonético para letras:**

Este Procedimento Operacional deverá ser colocado e classificado em fichário específico o qual deverá ficar permanentemente na SsCO

Elaborado por:

Emissão:

/ /

Revisão:

/ /

Aprovação:

Ch EMG



LETRA	PALAVRA	PRONÚNCIA
A	Alfa	<u>A</u> l fa
B	Bravo	<u>Bra</u> vo
C	Charlie	<u>Char</u> li
D	Delta	<u>Del</u> ta
E	Echo	<u>E</u> co
F	Foxtrot	<u>Fox</u> trot
G	Golf	<u>G</u> olf
H	Hotel	<u>O</u> tel
I	Índia	<u>I</u> n dia
J	Juliet	<u>Dju</u> liet
K	Kilo	<u>Ki</u> lo
L	Lima	<u>Li</u> ma
M	Mike	<u>Ma</u> ik
N	November	No <u>ve</u> m ber
O	Oscar	<u>Os</u> car
P	Papa	<u>Pa</u> pa
Q	Quebec	Que <u>bec</u>
R	Romeu	Ro <u>meo</u>
S	Sierra	Si <u>e</u> rra
T	Tango	<u>Tan</u> go
U	Uniform	<u>lu</u> ni form
V	Victor	<u>Vic</u> tor
W	Whiskey	<u>Uis</u> qui
X	X-ray	<u>Ex</u> rei
Y	Yankee	<u>Ian</u> qui
Z	Zulu	Zu <u>lu</u>
Exemplo	Norte	<u>November-Oscar-Romeo-Tango-Eco</u>
Exemplo	Casa 68	<u>Charlie-Alfa-Sierra-Alfa-Meia-Oito</u>

**Obs.:** As partes sublinhadas dos vocábulos significam as partes tônicas das pronúncias.

- **Após toda a fase de evacuação concluída:**
- Após concluída a fase de evacuação, ou seja, o término da operação em sua totalidade, na desmobilização final, deve-se conferir as guarnições e materiais empregados na operação;
- Após concluída a fase de evacuação, ou seja, o término da operação em sua totalidade, na desmobilização final, deverá ser feita a contagem de todos os

Este Procedimento Operacional deverá ser colocado e classificado em fichário específico o qual deverá ficar permanentemente na SSCO



Bombeiros Militares das guarnições envolvidas na operação e, na medida do possível, inspecionado o seu estado de saúde;

- Após concluída a fase de evacuação, ou seja, o término da operação em sua totalidade, na desmobilização final, todos os materiais envolvidos na operação deverão ser conferidos, fazendo com que os seus respectivos responsáveis prestem contas deles;
- Após concluída a fase de evacuação, ou seja, o término da operação em sua totalidade, na desmobilização final, deve-se realizar um *debriefing* com a guarnição que atuou na operação, visando levantar os pontos positivos e os pontos a serem melhorados; caso seja necessário, confeccionar um relatório específico.

#### 4. DISPOSIÇÕES FINAIS

##### O cenário Mata Atlântica X o termo Busca em Matas e Florestas:

O Estado do Rio de Janeiro está integralmente inserido no bioma Mata Atlântica, e especificamente aqui predominam os ecossistemas associados, como os bênticos, manguezais, restingas e campos de altitude. O ecossistema bêntico é um dos ecossistemas costeiros associados ao ecossistema Mata Atlântica e está ligado à plataforma continental da costa brasileira, integrando os terrenos planos arenosos ou lamacentos, associados aos corais e aos organismos que vivem no substrato, fixos ou não, incluindo-se os que vivem livremente nos níveis da coluna d'água, todos dependentes do sedimento, quer marinho ou das águas interiores. É altamente diverso e complexo, incluindo organismos importantes nos ciclos biogeoquímicos dos mares e oceanos. Os bentos têm um papel fundamental no fluxo de energia, em diferentes níveis das cadeias e teias alimentares marinhas e estuarinas (estuário é o ambiente aquático de transição entre um rio e o mar). Uma busca terrestre em Ilha Grande, por exemplo, exigirá tática e estratégia diferentes das empregadas em outros ecossistemas. Manguezal é um ecossistema costeiro, de transição entre os ambientes terrestres e marinhos. Ele está associado às margens de baías, enseadas, barras, desembocaduras de rios, lagunas e reentrâncias costeiras, onde haja encontro de águas de rios com as do mar. Está sujeito ao regime das marés, sendo dominado por espécies vegetais típicas, às quais se associam outros componentes vegetais e animais. A restinga é um tipo de vegetação que recebe influência direta das águas marinhas e tem gênero de plantas típicas das praias. As árvores das matas de restinga possuem copa larga e irregular, não muito elevadas, e a restinga propriamente dita é formada por uma vegetação arbustiva de densidade variável. Avaliando algumas características da Serra do Mar, todos os topos são recobertos por campos de altitude. Avaliando-se a Serra da Mantiqueira, observamos semelhante quadro. Os campos de altitude, estando geralmente situados acima de 1.500 m de altitude, estão associados a rochas ígneas ou rochas metamórficas, como granito, gnaisse e, no caso particular de

Este Procedimento Operacional deverá ser colocado e classificado em fichário específico o qual deverá ficar permanentemente na SsCO

Elaborado por:

Emissão: / /

Revisão: / /

Aprovação:

Ch EMG



Itatiaia, nefelino-sienito. Com relação aos domínios vegetacionais, os campos de altitude das Serras do Mar e da Mantiqueira encontram-se totalmente inseridos na região da Mata Atlântica. Esse tipo de vegetação “mais aberta ou espaçada” apresenta uma ampla variedade de fisionomias, desde áreas abertas cobertas por gramíneas e outras ervas a habitats com adensamento de arbustos e pequenas árvores, com ou sem a presença de afloramentos rochosos. Assim, diante de todo o exposto, há de se entender o quanto o Estado do Rio revela-se com tão abastada riqueza de diversidade topográfica. Logo, considero o termo inicial apontado pelo Estado Maior Geral da Corporação, a saber, Busca em Matas e Florestas não tão apropriado para o desenvolvimento deste trabalho, uma vez que o vejo demasiadamente redundante, pois mata é sinônimo de floresta. Além do mais, tecnicamente, considerando a geomorfologia do Estado do Rio de Janeiro, identificamos que de fato ela é extremamente acidentada. Desta maneira, também define o cientista social José Augusto Drummond, em seu livro *Devastação e preservação ambiental no Rio de Janeiro*, quando menciona “Apesar de alguns trechos relativamente amplos de planícies costeiras, predominam morros e montanhas”. (...) “O aspecto mais notável são as rochas do período pré-cambriano médio e tardio da Serra do Mar e de suas extensões, formando extensas encostas, montanhas e picos”. Em outro momento ele relata que a Serra do Mar, com formação montanhosa iniciada na extremidade leste de Santa Catarina, atravessando Paraná e São Paulo, apresenta exatamente nas terras fluminenses uma impressionante barreira montanhosa, paralela à costa. Sua face oriental é quase sempre abrupta e em muitos trechos é quase vertical, com altitude média em toda a crista fluminense em torno de 1.000 m, tendo os maiores desníveis verticais nos níveis acima de 2.200 a 2.700 metros de altitude. Desse modo, entendo que existe um indicativo claro de que precisamos estudar com mais cuidado um termo que melhor defina a cobertura vegetal e topográfica do Estado do Rio de Janeiro. Por isso proponho o seguinte termo: Busca e Regate em Matas e Montanhas, o qual apresento em todo o corpo deste Procedimento Operacional Padrão e neste tópico venho defendê-lo.

Independentemente das condições de acionamento do GSFMA, quando este estiver atuando nos segmentos de Busca Terrestre ou Busca Combinada, a OBM responsável pela área operacional deverá permanecer atuando no evento até que haja a conclusão plena da operação.

Independentemente das condições de acionamento do GBS, quando este estiver atuando nos segmentos de Busca Aquática ou Busca Combinada, a OBM responsável pela área operacional deverá permanecer atuando no evento até que haja a conclusão plena da operação.

Independentemente das condições de acionamento do GOA, quando este estiver atuando nos segmentos de Busca Aérea ou Busca Combinada, a OBM responsável pela área operacional deverá permanecer atuando no evento até que haja a conclusão plena da operação.

Este Procedimento Operacional deverá ser colocado e classificado em fichário específico o qual deverá ficar permanentemente na SSCO



Caso um PABM ou Destacamento seja a primeira UBM respondedora do evento, esta deverá primeiramente reportar-se à sua Sede para os acionamentos necessários, mas sempre sob ciência do COCBMERJ.

Caso o PABM ou o DBM já tenha empenhado os seus esforços conforme o que orienta o tópico anterior a este e ainda assim careça de auxílio do GSFMA para apoiar nos segmentos de Busca Terrestre, do GBS para apoiar nos segmentos de Busca Aquática e/ou do GOA para apoiar nos segmentos de Busca Aérea, sejam estas combinadas ou não, todos os acionamentos necessários deverão ser firmados sob ciência do COCBMERJ.

Nos casos em que forem empregados animais nas buscas, como os muares e os cães, vale ressaltar que estes são animais não pertencentes ao ambiente silvestre de matas e montanhas que integram a cobertura de Mata Atlântica e que por conta disso podem conduzir micro-organismos que alteram ou modificam esse ecossistema. Os especialistas em busca com cães saberão identificar os casos de emergência e real necessidade de emprego desses animais.

Em complementação ao item que diz respeito à Subfase de Localização, bem como o emprego de cães farejadores nas operações de Busca e Resgate em Matas e Montanhas, é importante ressaltar a necessidade de respeitar a relação técnica e estratégica que deve haver ente o cão e seu Militar Condutor. É inerente do cão atentar para o fato de buscar por pessoas vivas. Seu faro é tão apurado que, taticamente falando, faz-se necessário que o binômio “cão e condutor” se desloque à frente dos demais componentes da guarnição de busca, visto que, em meio a tantos odores de outros Bombeiros envolvidos, pode haver dificuldade e comprometimento do seu potencial de diferenciação de odores, inclusive os da vítima.

Após finalizada toda a busca, bem como o sucesso dela, é importante que o Comandante de Socorro refaça o contato com os familiares ou solicitantes que deram início à solicitação do aviso de busca e então apresente esclarecimentos sucintos, dando-lhes retorno da operação. Esse procedimento, além de devolver uma resposta final aos entes do(s) que estava(m) perdido(s), revela também educação, cuidado e respeito para com a sociedade e reforça que o Corpo de Bombeiros Militar permanece no cumprimento e no zelo das missões que lhe são conferidas.

O presente POP entrará em vigor a partir da data de sua publicação.

Este Procedimento Operacional deverá ser colocado e classificado em fichário específico o qual deverá ficar permanentemente na SsCO

Elaborado por:

Emissão: / /

Revisão: / /

Aprovação:

Ch EMG



## 5. REFERÊNCIAS

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Art. 225. Brasília, Senado Federal, 1988.

BRASIL. *Lei nº 9.985/00. Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC*, de 18 de julho de 2000.

CBMERJ. *Doutrina do Curso de Salvamento em Montanha – CSMont e do Curso de Prevenção e Combate a Incêndio Florestal – CPCIF*. 1º Grupamento de Socorro Florestal e Meio Ambiente – 1º GSFMA. Período de 1986 a 2012 e 1992 a 2012, respectivamente.

CBMERJ. *Doutrina do Curso de Busca e Resgate com Cães – CBRESC*.

NOTA CHEMG 633/12 publ. no Bol. SEDEC/CBMERJ Nº 166 de 03/09/2012.

RIO DE JANEIRO. *Constituição do Estado do Rio de Janeiro*. Art. 261 § 1º inciso XXVI. Rio de Janeiro, Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, 1989.

DRUMMOND, José Augusto. *Devastação e preservação ambiental no Rio de Janeiro*. Niterói: EdUFF, 1997.

Instituto de Logística da Aeronáutica – ILA – Força Aérea Brasileira.

Este Procedimento Operacional deverá ser colocado e classificado em fichário específico o qual deverá ficar permanentemente na SSCO

Elaborado por:

Emissão:

/ /

Revisão:

/ /

Aprovação:

Ch EMG